

# Bulevares e memória. Sobre Belo Horizonte boulevards, de Masé Lemos

Filipe Manzoni  
UFSC

Resenha de: LEMOS, Masé. *Belo Horizonte boulevards*. Rio de Janeiro: Megamini, 2018.

Já vão quase quatro décadas desde que Giulio Carlo Argan sugeriu que a cidade seria intrinsecamente artística e análoga à linguagem.<sup>1</sup> A leitura de uma cidade não se pautaria, nesse sentido, como uma modalidade de averiguação documental, um levantamento de transformações nos hábitos, formas de circulação e habitação das pessoas que compartilham um espaço urbano. Mais do que um *espaço* urbano, a cidade se colocaria como uma textualidade confusa e dinâmica, na qual diferentes discursos se sobrepõem: projetos urbanísticos, relatos silenciados, itinerários caóticos, histórias oficiais e relações afetivas.

A leitura dessa textualidade de uma cidade deveria colocar-se, nesse sentido, nos termos de uma experiência de contato com essa desordem de eventos. Trata-se, como na imagem lindamente sugerida por Renato Cordeiro Gomes,<sup>2</sup> de pensar o texto urbano como um palimpsesto, um labirinto de linguagens que revela, em cada gesto de leitura, mais do que uma cidade *per se*, uma cartografia dos afetos de quem lê.

Não se trata, nesse sentido, apenas de que cidade estamos, mas também de que cidade nunca saímos. Parece haver um conjunto de afetos e memórias que não estão circunscritos a nenhum limite ou demarcação geográfica, mas nos antecipam sempre, em quaisquer cidades que possamos ir. Todos são familiares à experiência de viajar, e redescobrir, em outro lugar, memórias de nossa própria cidade íntima de afetos. *Belo Horizonte boulevards*, mais recente livro de Masé Lemos, parece estar, desde seu título, às voltas com essa mesma experiência de proximidade e afastamento entre duas cidades.

Dissemos desde o título porque encontramos a justaposição da capital mineira aos “*boulevards*”, e não aos “*bulevares*”, aportuguesamento que, não por acaso, é tão antigo quanto a própria fundação de Belo Horizonte. O objetivo parece ser mesmo marcar essa distância geográfica e temporal, conforme fica ainda evidente na localização e datação ao final de livro: “Paris, 16 de janeiro de 2018”.

1 ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*, 2005, p. 73.

2 GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*, 2008, p. 35-40.

3 Lemos, Masé. *Belo Horizonte boulevards*, 2018, p. 5.

4 Ibidem, p. 18.

5 Ibidem, p. 7.

Se a questão de *Belo Horizonte boulevards* é a da leitura de uma cidade por outra, caberia ressaltar que parece haver, pelo menos, duas leituras e duas histórias possíveis para uma cidade. Uma delas é a história oficial, aquela que lemos em relatos fundacionais ou reconhecemos por cartões-postais. Esta é marcada por esse estatuto curiosíssimo que é o monumento: um superinvestimento mnemônico (ao menos na teoria) do espaço urbano, uma obra construída com a única finalidade de perpetuar uma memória pública de um acontecimento ou uma pessoa. Se é certamente o projeto monumental que faz com que Paris e Belo Horizonte, de certa maneira, “rimem” – uma influência claríssima no projeto da capital mineira das reformas de Haussman, o *boulevard* que virou bulevares no final do século XIX – é outra história que Masé quer recuperar. Trata-se de uma história que prioriza as pequenas experiências da infância, uma história de experiências afetivas íntimas que passam ao largo de qualquer cartão-postal.

O lá-aqui/outro-ora- agora que predomina no livro de Masé deixa claro, desde seu primeiro poema, “Serenata”, essa espécie de galeria de quadros de uma memória afetiva da infância em Belo Horizonte, cidade na qual a poeta residiu até os seus sete anos: “Morava à rua dos Inconfidentes, 645 / bairro dos Funcionários // Ao alto ficava o corpo de bombeiros // Tinha muita raiva das sirenes / quando passavam / gritava com elas”.<sup>3</sup> Essa espécie de universo afetivo, infinito dentro da Avenida do Contorno, aparece em escolas – “Frequentei: / Escola Estadual Barão do Rio Branco / Colégio Sagrado Coração de Jesus // E mais / dois outros / Não me lembro / seus nomes”<sup>4</sup> –, duas melhores amigas – Lucinha e Verinha –, natais, bisavós, a casa de um tio na Pampulha, etc. todos estes, elementos com os quais Masé compõe sua própria Belo Horizonte.

Se seguirmos, porém, um pouco mais a analogia de Giulio Carlo Argan entre a cidade e a linguagem, esse “idioma Belo Horizonte” de Masé não impressiona apenas por seu vocabulário, mas por sua prosódia e por seu sotaque. *Belo Horizonte boulevards* não é tanto um livro *sobre* a infância na capital mineira, mas um livro *desde* a infância. Relações de causa-efeito parecem, nesse sentido, afrouxadas, em uma espécie de ingenuidade desconcertante – “Meu pai acreditava em bebês / então teve nove”<sup>5</sup> – ou ainda, ocasionalmente, deixando ler, em um misto de incompreensão e espanto, uma espécie de sabedoria infantil redescoberta mesmo nos clichês e lugares-comuns da língua:

Minha bisavó materna dizia:	6 Ibidem, p. 7.
Quem fala o que quer escuta o que não quer	7 Ibidem, p. 6.
depois passava horas em silêncio <sup>6</sup>	8 Ibidem, p. 12.

É precisamente pela predominância desse “idioma Belo Horizonte” dos sete anos que os ruídos se tornam tão potentes. Assim como já foi dito diversas vezes sobre a poesia de outra Maria José, Adília Lopes, a quem Belo Horizonte *boulevards* é dedicado, os poemas de Masé potencializam, por sua aura infantil, a carga de violência quando esta se permite entrever. Dois exemplos são especialmente visíveis desse contraste: o primeiro a partir da irrupção, ao final do poema, de um vocábulo especialmente violento, isolado em um verso, nos obrigando a uma releitura do poema inteiro de maneira a flagrar no que parecia uma brincadeira infantil os rastros de uma violência fantasmática: “Escondia minha boneca / no fundo do armário / Voltava o colégio e corria / verificar se ainda estava viva / Naquela altura toda boneca precisava de / proteção / Andavam sempre a querer / mutilá-las”.<sup>7</sup> O segundo exemplo é precisamente um no qual encontramos uma menção direta a Adília:

A minha mãe me ensinou que não se devia  
atravessar a rua correndo  
Podíamos tropeçar e sermos atropeladas

A mãe da Adília  
que também se chama Maria José mas não  
sei se nasceu no dia de São José nem se foi  
batizada na Igreja de São José  
ensinou-lhe que não devia agradecer ao  
condutor que para o carro para  
nós atravessarmos  
pois é sua obrigação parar e  
um direito nunca se agradece

A minha mãe era mais confiante na injustiça<sup>8</sup>

Esses pequenos ruídos parecem dar a ler uma violência mais sugerida do que enunciada, como uma espécie de limite para o “idioma Belo Horizonte”, incapaz de formular propriamente certos tópicos, algo muito próximo de uma estrutura traumática como de irrupção desse “outrora” no agora. Caberia ainda fazer menção aos raros poemas nos quais essa dissociação entre o antes e o agora, o lá e o aqui, faz-se mais evidente, precisamente

9 Ibidem, p. 8.

10 Ibidem, p. 21.

porque é um jogo de memória como esforço de redescoberta que parece colocar-se no centro da questão. Não tanto reencontrar o passado, mas mobilizá-lo, pô-lo em uso:

Fico aqui sentada  
a tentar  
recolher  
as observações dos tempos  
íntimos

A duração  
o quebrado da xícara  
que tanta pena me faz  
irrita-me

Mas são assim mesmo  
as coisas  
em uso<sup>9</sup>

Ler cidades, ou ainda, ler-se em cidades, coloca-se, portanto, como uma forma de distender esse corte entre quem rememora e quem é lembrado, iluminado por uma espécie de lampejo que guarda uma flagrante semelhança com as propostas sobre a história e as imagens de Walter Benjamin. De fato, Masé parece ativar, em *Belo Horizonte boulevards*, a um só tempo, todos esses temas benjaminianos que têm ganhado novo fôlego ultimamente: uma contaminação entre memória e presente por uma espécie de iluminação em *déjà-vu*, a questão de uma ativação da memória pelo projeto urbano parisiense marcado pelos bulevares, a importância dos brinquedos e da infância, etc. Todos são portas de entrada, ou talvez chaves de leitura que parecem abrir, cada qual ao seu modo, uma experiência diferente de leitura de *Belo Horizonte boulevards*. Tomemos um último poema para fecharmos essa questão:

Olho longamente  
a foto  
nossa casa  
estilo  
neoclássico

Não vejo  
nenhuma  
simetria<sup>10</sup>

A mágica parece estar nos *enjambements* (o que se estende, cabe ressaltar, para todo o livro): a ambivalência de “a foto” complemento de “olho

longamente”, mas também um núcleo substantivo descolado, formando uma parataxe com os versos seguintes. Quase como em uma aproximação cinematográfica as imagens vão se sucedendo, se delimitando, tomando contornos, até chegarmos à casa neoclássica. Os *enjambements* parecem insistir, nesse jogo, em uma gradação pausada, quase meditativa, ao invés de um encadeamento vertiginoso, abrir as associações a uma hesitação entre as imagens.

*Belo Horizonte boulevards* nos fala, porém, não tanto de imagens por si mesmas, mas de leituras (e leitores). E é nesse ponto que o fechamento do poema nos leva de volta à mesma interseção entre cidade e memória. Ainda que a arquitetura e o planejamento urbano sejam neoclássicos (lembremos que o traçado do urbanista Aarão Reis para o centro de Belo Horizonte é pautado precisamente pelos ângulos ortogonais), a memória é de outra natureza. A memória é reencontrada sempre por caminhos imprevistos, por linhas e itinerários caóticos e labirínticos. E, nesse ponto, nos reencontramos com Benjamin, na medida em que a cidade traçada pode até ser simétrica e clássica, mas a cidade que é memória sempre tende ao barroco.

#### Referências

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco: 2008.

LEMOS, Masé. *Belo Horizonte boulevards*. Rio de Janeiro: Megamini, 2018.

Submissão: 30/10/2018

Aceite: 27/11/2018

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2018n25p115>

